



ENTREVISTA COM A PROFESSORA BRUNA STELLA DOS SANTOS MARQUES

Juliana Paraense SILVA¹

ENTREVISTADORA: Juliana Paraense Silva (J)

ENTREVISTADA: Bruna Stella dos Santos Marques (B)

RESUMO: A entrevista foi realizada com a professora Bruna com o objetivo de compreender sua perspectiva sobre a educação básica contendo 12 perguntas. A docente é formada em pedagogia pela Universidade Federal do Pará (UFPA) e atua como professora da educação básica no município de Maracanã (PA), além de ser formadora do programa Alfabetiza Pará.

Durante a conversa, a professora compartilhou suas experiências pessoais, profissionais e reflexões sobre os desafios e potencialidades da educação básica. Ela defende a importância da leitura, escrita e da oralidade como elementos indissociáveis do processo de ensino-aprendizagem e acredita que fomentar o gosto pela leitura é essencial para o desenvolvimento dos estudantes. A pedagoga destaca os desafios como a ausência de formação continuada, a precariedade da estrutura física das escolas e a falta de acesso a livros de qualidade. Em sua prática pedagógica, utiliza rodas de conversa e leitura compartilhada, além de envolver as famílias no processo educativo por meio do diálogo. Ela também enfatiza que a formação docente precisa estar mais conectada com a prática real da sala de aula, pois se tem excesso de teoria e pouca discussão sobre a experiência prática durante a graduação.

J: Me conta, quem é a Bruna?

B: Eu passei a noite toda pensando em isso. Primeiro, Bruna, vinda de uma família pobre, foi uma pessoa cheia de sonhos e seguiu cheia de sonhos dentro da universidade.

¹Graduanda em Enfermagem; Bolsista PET Interdisciplinar Conexões de Saberes; Universidade Federal do Pará. E-mail: julianaparsil@gmail.com



E aí, hoje, quando eu cheguei, eu estava refletindo ainda mais sobre isso, o quanto esse espaço para a gente é um espaço de sonhos, de concretização. Então, a Bruna é uma pessoa sonhadora, atualmente, mais do que nunca, é uma pessoa que acredita na educação, sobretudo na educação pública, que vem driblando todos os percalços, porque acredita nisso.

J: Da onde você é? [01m04s]

B: Eu sou maranhense, eu vim do Maranhão. Eu vim bem depois, quando terminei a antiga alfabetização. Eu vim para cá com os meus pais. Eles vieram primeiro atrás de emprego, como muitas famílias que vêm do Maranhão. E aí fui direto para uma escola pública, sou do chão da escola pública mesmo, e no percurso, eu fui entendendo o que era universidade, o que era ENEM, o que era prestar vestibular e eu disse, eu quero isso. Eu não sei como eu vou fazer, mas eu quero isso, e fui entendendo que era isso no meu percurso enquanto estudante e hoje entendendo como professora.

J: Quem é a Bruna Profissional? Onde ela se formou? Com quantos anos ela conseguiu entrar na faculdade? [01m50s]

B: Certo. A Bruna Profissional, ela se formou na Universidade Federal do Pará, aqui mesmo de Belém. Eu entrei... entrei em 2012 e cursava estatística. Passei um ano e eu dizia que eu não queria só entender sobre os dados, os dados da fome, os dados da pobreza. Não queria só isso. Eu queria intervir de alguma forma. E aí, a pedagogia entrou na minha vida, porque na minha família é uma família de professores. E aí, eu fui conversar com eles, fui entender o que era isso, o que eles enxergavam sobre essa profissão, de que forma isso também movia eles como ser humano. E eu disse, eu quero isso para minha vida, acho que é a minha missão aqui, e foi quando eu decidi fazer pedagogia. Eu ainda estava em estatística, resolvi fazer o ENEM sem estudar, sem fazer cursinho, nada. Eu falei, se for para ser, vai ser, ainda tem alguma coisa aqui na minha cabeça. Aí eu prestei ENEM e passei na UEPA, passei na UFPA e no IFPA, resolvi continuar aqui (UFPA).

J: Me conta um pouco sobre os desafios de ser professora de educação básica atualmente. [03m04s]



B: Eu estou há seis anos como servidora pública em Maracanã/PA. E aí, esse meu olhar sobre os desafios têm vindo durante essa minha trajetória, nessa prática. São muitos desafios, a gente sabe que a educação, ela vem passando por mudanças, e são mudanças com muitos percalços. Aí eu tentei pensar em algumas, porque o que que eu vejo, o que eu sinto falta enquanto professora, é o direito da formação continuada para mim. Ele é um ponto importante no dentro do meu município também. Estrutura, acessos, muitos acessos, acesso ao material de qualidade, acesso à uma sala de qualidade, uma sala de qualidade minimamente com ventilador e cadeiras adequadas para os nossos alunos. Eu vejo também que a nossa profissão, ela é permeada por, como eu posso falar, ela é permeada por qualquer pessoa pode entrar, sabe? Eu consigo perceber dentro dos meus desafios que não é levada a sério, isso influencia no nosso trabalho. Mas, assim, os nossos desafios, pelo menos os meus desafios, eu tento olhar muito, porque eu tenho vivido, o meu desafio é continuar lutando pelo que acredito. Porque enquanto eu consigo enxergar que a educação tem passado por algumas transformações, e que eu preciso compreender isso, por essas limitações de profissionais, tem gente que ainda está bem aqui, não entende o que está passando por transformações. Mas, para nós professores, eu penso que o mais difícil é justamente, eu acho que esse movimento, ele só não ocorre pela falta, pela ausência da formação continuada, para mim é um dos maiores desafios. E ser professora no contexto que a violência está ali no chão da escola, bullying é forte, então essas mazelas, elas estão ali na escola, e aí nós temos que lidar com isso, lidar com a ausência de família. Eu acho que os professores têm falado muito sobre isso, a ausência da família na escola, a gente sabe que não é só nosso papel, é do Estado, é da família, da sociedade, é da escola, mas a escola está sendo sobrecarregada por esse papel.

J: Você se formou em que ano? [05m41s]

B: Eu me formei em 2020 mesmo, eu finalizei em 2020. e eu consegui a minha solenidade somente em 2022 por conta da pandemia.

J: Você trabalha com pedagoga desde 2022? [05m55s]

B: Desde 2021. No período do pandêmico, mesmo que eu comecei.



J: E os pontos positivos agora? [06m05s]

B: Os pontos positivos para mim desde sempre foi lidar com os sonhos, a gente lida com muitos sonhos, as crianças têm muitos sonhos e para mim a parte mais linda disso é conseguir perceber e conseguir dizer para eles “eu vou te ajudar”, a gente faz parte disso, dessas instituições, né? Eu fui inspirada por professores no meu ensino fundamental, no meu ensino médio, também para hoje ser professora. E eu percebi a importância disso por meio do papel deles, e hoje como professora, eu vejo o quanto é isso mesmo, sabe? Eu vim de uma escola, como professora, de uma escola muito pobre, a gente tem crianças muito pobres, crianças inseridas em contextos de violência, mas eu consegui perceber o quanto eles se sentiam motivados e eles conseguiam ao longo do ano, ao longo do ano letivo, perceber o quanto a educação não pode mudar a vidinha deles, sabe? E para mim esse é um dos pontos positivos. Na verdade, eu penso que é o ponto que me motiva ainda a ser professora, é conseguir perceber que a gente tem também um papel fundamental nisso, de fomentar sonhos, mudanças sociais, mudanças para o que eles quiserem, então, enquanto professora, para mim é o que me movimenta todos os dias, sabe? Apesar dos desafios, das problemáticas que a gente ainda vive no chão da escola, eu sempre penso nisso, eu tenho um papel fundamental na vida deles, então eu escolhi ser professora, estou professora, então, eu vou dar o meu melhor, o que eu posso fazer.

J: Qual o papel e importância você atribui a literatura na formação docente e no processo formativo dos estudantes da educação básica? [07m53s]

B: Para eu pensar isso, eu penso no meu processo também como leitora, que não é um percurso antigo, ele não vem desde a minha infância, eu me vi leitora e com a necessidade, na verdade eu penso que é a necessidade de ser leitora quando eu me vi professora, porque dentro da universidade eu passei por muitos, muitos altos e baixos, por não ser uma pessoa leitora. E a academia exige isso da gente, ainda que seja uma leitura acadêmica, né, mas exige da gente. E quando eu me vi professora, eu refleti sobre isso, os meus alunos precisam ter o gosto pela leitura desde aqui, se eles quiserem entrar numa universidade sendo leitores talvez amenize mais. Para eu engajá-los para ser, para uma postura leitora, para serem leitores, eu preciso ser leitora, não existe eu vou ensinar você a ler se eu não leio, não não tem como, não encaixa assim e não dá



certo, então, eu me vi sendo leitora já no meu processo acadêmico, porque me exigiu, né, mas leitora com gosto de ler foi enquanto professora, foi na necessidade de me ver leitora e isso me abriu muito, muitos caminhos, por que caminhos? Porque eu consegui enxergar educação com outros olhos, quando a gente lê, a gente se transporta para muitas realidades, ou seja, se eu pego um artigo, se eu pego uma literatura que fala sobre pobreza, sobre sonhos, sobre transformação social, ali eu vou me transportar para uma realidade e ali eu vou pensar a mudança dessas realidades, então, a leitura ela nos molda, ela nos move e ela nos engaja também, a gente fala tanto no engajamento dos alunos, mas a gente não pensa no nosso, né, então para eu ter um processo de pensar a minha prática, pensar a minha sala de aula como um recorte social, eu preciso também ser leitora, preciso também entender como é que está gerando o mundo, o que está acontecendo porque isso tudo vem para a sala de aula. Nessa sequência os meus alunos também, ou seja, eu movimento, eu engajo os meus alunos a partir de que eu também, eu tenho uma postura leitora, eu levo isso para a minha sala de aula e os meus alunos eles caminham junto comigo. A gente é o primeiro, nós somos os primeiros exemplos, as famílias deveriam ser, mas a gente sabe que não é a realidade de todos, então depois deles é a escola, somos de nós professores, então eu vejo a literatura como crucial, como indispensável, não adianta eu ter ali a ABCD completos, os conteúdos completos, se eu não tenho leitura na minha sala de aula, se eu não tenho literatura, e aí é óbvio que a gente sabe da importância, mas isso para mim também é uma problemática devido ao acesso, foi o que eu falei anteriormente, enfim, entendi,

J: Você trabalha em qual município? [11m12s]

B: Maracanã, pensei que já tinha falado.

J: Quais práticas de motivação à leitura, à oralidade e à escrita que você usa nas suas aulas? [11m20s]

B: Eu estava pensando sobre esses três elementos, leitura, oralidade e escrita, a gente ouve muito, tanto a formação quanto nos nossos diálogos, falar sobre leitura e escrita, eu acho que, eu acho não, eu tenho certeza que todo mundo sabe que a leitura é importante e a escrita também. Aí eu me pego pensando, qual o papel da oralidade? O



que é isso em sala de aula? Será que existe a oralidade? Será que eu também promovo a oralidade em sala de aula? Então quando eu pensei nessa pergunta, eu pensei na minha prática, será que eu promovo os três? os três são indissociáveis, né? Aí eu pensei, práticas de oralidade, ainda que eu não soubesse o que era isso em conceito lá no início da minha carreira, eu já praticava com os meus alunos, que era, eles chegarem eu perguntar, vocês estão bem? Vocês dormiram bem? Como foi a noite ontem? O que vocês fizeram no final de semana? São práticas de oralidade. Só que a prática de oralidade ela não vem separada da escuta, então o que eu faço na minha sala de aula? Eu tenho uma estrutura, uma rotina, e a minha primeira rotina é a roda de conversa com eles, então eu faço isso no início, de primeiro acolhê-los para perguntar se vocês estão bem, se eles fizeram, se almoçaram, se dormiram bem, se dormiram cedo, a gente dialoga muito. E aí depois eu faço a roda de leitura, mas puxando com eles, olha, hoje eu trouxe um livro que eu achei interessante, eu acho que vocês vão gostar. Será que vocês vão gostar? Aí eu começo a tentar trazer eles, vocês estão ansiosos? Porque a gente tem que trabalhar com a expectativa deles, motivá-los mesmo, a querer ouvir, e aí dentro da minha prática, nesse momento, a gente lê a capa, a gente lê o título, o que vocês acham que tem nessa história? Nessa minha turma atual, do segundo ano fundamental, eu levei um livro assim, que eu nem conheci a autora direito, eu fui pesquisar sobre ela que é a Janaína Tokitaka, não sei se você já ouvi falar, Eu adoro as literaturas dela, porque são literaturas desconstruídas dos clássicos, por exemplo, A Bela e a Fera, aí o nome do livro dela é o Belo e o Fera. Ela desconstrói, muda os personagens e muda as narrativas, até a questão do corpo, a diferente, sabe? E eu levei para eles, eu levei a primeira leitura e a primeira que eu levei foi o Pequeno Sereio, que era o contrário da Pequena Sereia e eles adoraram, adoraram. Mas antes eu mostrei para eles, já apresentei direitinho. E aí achei muito interessante que essa última semana de aula, se esgotou os livros que eu comprei dela, eu comprei só alguns porque são caros. E aí um aluno meu chegou para mim e falou assim mesmo, professora, eu nunca mais Janaína Tokitaka, né? Porque eles adoraram mesmo, então eu tento engajá-los por meio da oralidade, de conversar com eles sobre os livros, de conversar com eles sobre o que eu leio, o que eu gosto. E eu pergunto para eles, vocês gostam de ler? E levo algo que é importante desde o princípio, que é o acesso. [14m47s]



E aí eu entro na problemática, se eu for para a realidade da escola, a escola não tem biblioteca. Os livros ficam guardados dentro de um quarto cheio de montes de coisas, uma salinha. Mas eu tenho os meus livros, e aí o professor entra nesse momento com a sua resistência, né? Porque eu tenho os meus livros e eu levo para eles. Então desde o primeiro momento eu levei os livros para eles. Então, a minha prática é essa, apresentar um leque de possibilidades de leitura. A gente sabe que não é só a literatura em si, existem outras leituras, né? Poesia, cantigas, tem várias, gibi, eu levo uma caixa com todas as possibilidades, eles têm um momento em que eu deixo eles para ler. E a escrita é algo que acontece se a criança tiver o repertório dela bem estruturado. Então eu penso que é tudo ali interligado, se eu trabalho leitura, trabalho oralidade, eu desenvolvo também a escrita junto com eles, de forma natural, por que existe uma questão que é a função social da escrita, eu escrevo para quê? Para que eu for escrever o trabalho com eles? A gente fez um quadro, o que vocês querem aprender a ler? Muito interessante assim, sabe? Uma coisa pequena, eu perguntei para eles, “o que vocês querem aprender a ler?” Eu comecei a escrever. Aí, Fulano diz que queria, porque eu quero ler os cartazes que a senhora coloca na parede, porque eu quero conseguir ler os livros que a senhora traz, porque eu quero ser professora, eu quero ser bailarina, eu quero, sabe? Então eles começaram a entender qual é a função, então por que eu vou ler? Por que eu vou aprender a escrever? Por que isso vai interferir na minha vida? É função social, né? Enfim, eu tento ali, tudo que eu vou aprender um pouquinho mais, eu tento levar para a sala de aula e eu percebo que há um desenvolvimento deles crítico sobre isso. E aí, no final, quando a gente fez esse painel, eu falei para eles, bora aprender juntos? que eu estou aqui para ajudar vocês. E aí a gente segue a leitura, a gente segue a escrita, e eles vão motivados porque eles têm um foco, eles querem aprender para mudar a vida deles, para alimentar o sonho deles mesmo, e é isso.

J: E como que você faz para diferenciar as estratégias de leitura e escrita, levando em consideração os níveis de aprendizagem dos alunos? [17m03s]

B: Entendi, eu pensei muito, muito, muito em isso. Assim, vou falar do mais recente, né? Eu estou numa turma do segundo ano do fundamental. Eu entrei numa transição de professores, eu não era professora da turma, entrei um mês depois da primeira professora. Então, eu sempre entendi que é a primeira coisa que eu tenho que fazer é



conhecer meus alunos, qual é o repertório sociocultural que eles já têm? Que eles me trazem de casa? O que eles já trazem da vivência deles? Conhecer um pouquinho eles e promover, óbvio, atividades que façam que eu conheça eles, qual a sua fruta preferida? Você já leu algum livro? Você gosta? O que você já leu? Ou então, eu tento trazer esses elementos para conseguir conhecê-los. Isso já é uma leitura, e eu faço com eles, né? A primeira leitura que a gente faz é conhecer, conhecê-los. Quem eu sou, o que eu gosto, né? Eu faço isso com eles. De cara, a primeira coisa que eu faço é dar o acesso ao livro, eu deixo lá disponível para todos, independente do nível de aprendizagem deles. Atualmente, e é muito recente mesmo, eu entendo que é importante saber qual nível de leitura e de escrita. Eu faço a sondagem com eles, né? Existe uma sondagem que a gente faz para saber o nível de leitura e escrita, eu faço essa sondagem, eu consigo perceber quem está ali no pré-eleitor, que é lá o início, que lê só a palavrinha, só o silabado, da escrita, aí eu vou perceber quem já consegue, tem domínio melhor da escrita, que é pré-silábico. Enfim, é da alfabetização. Isso me ajuda em que? Me ajuda a fazer a seleção dos livros. Eu levo os livros de acordo com que eu percebo que para eles é melhor. Embora no ciclo de alfabetização exista uma estrutura de livros que é importante, letra bastão, não cursiva, letras grandes, com separações adequadas. É um desafio muito grande, porque nem todos os livros são dessa forma, mas essa seleção de livros é importante, é o que eu faço, o que eu tenho que levar para eles, mas também eu dou uma lida no conteúdo que tem. Eu permito que eles leiam.

[19m30s] Eu acho que a primeira coisa, eu, enquanto professora, o que eu percebo, na verdade na minha prática, eu preciso fazer com que o meu aluno entenda que ele sabe ler. Ah, ler as letras, professora, ler as palavras? Não necessariamente, o livro tem imagens, é a primeira leitura que a criança faz, é a leitura de imagens, ele sai lá da escola, tem uma placa de açaí, ele leu que ali vende açaí, ele tá lendo. Então, isso é importante. Pra questão do nível e direcionamento de leitura, eu faço a seleção de livros, é uma estratégia, é uma prática, na verdade, não sei se seria uma estratégia, mas é uma prática que eu faço, a seleção dos livros que eu levo pra sala de aula. Aí tem a diferença do livro que eu leio para eles, o livro que eu leio com eles e o livro que eles ficam livres pra ler, então, tem essa separação. O livro que eu leio pra eles pode ser grande, porque eu posso fazer uma contação de história, então eu vou me apropriar do



livro, vou ver qual é o enredo, a entonação que eu tenho que fazer e eu faço a contação de história, da certo. Agora, livro apropriado pro segundo ano, que é a turma que eu tô, são livros cultos, livros com letras grandes pra que eles consigam perceber a estrutura da palavra que a gente tem trabalhado. Esse primeiro semestre a gente avançou bastante, bastante, por meio da leitura, por meio do texto mesmo, sabe? Por muito tempo a alfabetização lá foi levada assim, primeiro tu aprendi a letra, depois tu aprende a palavra, depois tu aprende o texto. Hoje a gente tem discutido que é importante que a criança tenha acesso ao livro, ao texto, depois ela vai aprender a estrutura de frase, estrutura de palavra e ela vai entender a letra. Óbvio que há um movimento ali que precisa planejar, mas o acesso ao texto é o primeiro. E a gente tem mudado e eu percebo que faz total diferença. Meus alunos aprendem a ler por quê? Eles sentem vontade, então quando tu disponibiliza um livro e a criança diz pra ti “professora, lê pra mim”, ela vai aprender a ler nessa motivação que ela quer ler aquele livro, ela quer aprender. Então, a primeira leitura que faz só eu, eu mostro pra ele, eu vou ler, passo o dedinho, olha aqui, tá escrito isso, a imagem tá falando também o que tá escrito. Então, pra que isso aconteça, eu preciso fazer a seleção. Eu acho que é um ponto fundamental e é indispensável a seleção dos livros de acordo com o nível de aprendizagem. E pra isso acontecer, eu preciso conhecer minha turma. Eu tento conhecer minha turma pela oralidade, pelo diálogo, pela roda de conversa e também de forma pedagógica estruturada, né? Que é a sondagem.

J: Essa sondagem é o dia a dia na aula?[22m05s]

B: Não, a sondagem, ela é um momento separado. Mas pra frente eu sei que vai ter uma pergunta que eu vou falar um pouquinho mais, mas existe uma sondagem que ela é estruturada, é assim. Tem a leitura, tem a de escrita e tem a de leitura. Vou falar a primeira de leitura. A de leitura, tem a leitura de palavras, aí são cinco palavras selecionadas pra criança ler, e aí são palavras monossílabas, dissílabas, trissílabas pra gente perceber o nível que ela já tá de leitura. Depois tem a tentativa da leitura de uma frase e tem a leitura de texto. Eu me questiono o porquê dessa sondagem começar pela palavra e não pelo texto, mas eu entendo que nesse momento é pra gente realmente saber se ela já conseguiu ler. E aí a gente faz, isso é uma sondagem, é um documento mesmo que a gente coloca o nome da criança e tudo mais, e faz o momento de gravar



como ela tá lendo. Aí ela faz a pausa protocolada, o que significa isso? Ela lê e passa o dedinho, que é pra gente saber se o que ela tá lendo realmente, ou é porque ela decorou a palavra, ou porque ela realmente tá tentando ler a estrutura da palavra. E aí tem a frase, por fim o texto. É um documento que a gente faz, é um momento separado. O da escrita da mesma forma, são cinco palavras selecionadas, e aí a gente vai dizendo pra ela, ela vai escrevendo, é um documento estruturado. Eu infelizmente não trouxe, eu ia trazer, só que como eu moro em Maracanã, eu acabei vindo com muita pressa e o documento eu não trouxe. Mas são dois momentos que a gente faz pra ali ter um olhar minucioso se a criança ela tá ali desenvolvendo prática de leitura e de escrita, entendeu?

J: Quem criou esse documento? Você? A escola?

B: Não, na verdade, há uma discussão sobre isso, eu sei que Magda Soares, ela fala sobre isso, mas eu tive acesso com mais qualidade a essa sondagem, eu tive acesso com Magda Soares, que é no livro dela Alfabetizar, não sei se você já ouviu falar. E é um livro que ela vai falando sobre o processo de alfabetização, sobre os métodos e ela traz várias discussões bem legais. E aí eu faço parte do Alfabetizar Pará, que é um programa, e nesse programa existe a prática de sondagem, existem vários percursos pra acompanhar a criança no processo de alfabetização, uma sondagem é uma delas, mas é fundamentada em Magda Soares mesmo, entende?

J: E como que você avalia e envolve as famílias e a comunidade no incentivo à leitura? E que impacto isso tem na vida desses alunos? [24m40s]

B: Dessa vez eu não vou tentar usar o atual, eu vou tentar usar o primeiro contato que eu tive com o chão da escola pública, que foi lá em Algodual, foi onde eu iniciei a minha vida como professora, e foi no período pandêmico. E eu parei muito pra pensar sobre isso, porque eu lembro que eu estava desesperada. Como é que eu vou acompanhar o aluno à distância? O que que eu tenho que fazer, meu Deus, para eu conseguir fazer isso? Eu lembro que nessa escola, por mais que existissem muitas coisas ali, que dificultasse a nossa prática, tinha uma biblioteca cheia de todo tipo de livros, só precisava organizar, mas estava cheia. Então, nesse primeiro contato, nessa primeira prática como professora o que eu fiz, o município aderiu o caderno, que era um caderno com várias atividades, de várias disciplinas, mandava para as famílias, as crianças



faziam, e voltavam. Como nesse momento da período pandêmico, eu fiz para a minha próxima das famílias? Eu fiz um grupo no WhatsApp, infelizmente nem todos tinham, a gente sabe que não é uma realidade, mas aqueles que eu podia trazer, eu trazia. E aí, a localidade de Algodual é muito pequena, então, do lado, os seus alunos estão ali do lado da escola, é muito pequena, não sei se você já foi lá. E a gente conseguia fazer visitas com todos os protocolos, tentando ali o máximo de distanciamento, mas eu fiz visitas aos pais, me apresentei, sou nova professora na escola, esse período a gente vai passar, mas daqui a pouco a gente vai estar juntinho. Mas eu fui para me apresentar mesmo, sabe? A entrega dos materiais, eu também fui nas casas, tanto quanto os outros professores, sabe? O diferencial que eu fiz em relação à leitura. Eu não sei se foi um diferencial com qualidade diante das minhas questões. Era o meu primeiro contato, então eu estava ali ainda no início, início de tudo. É um período pandêmico que tornou mais difícil ainda esse início, mas o que eu fazia? eu selecionava livrinhos curtos. E eu dava pra eles lerem em casa com as famílias. Agora, a única coisa que tinha de, acho que de lacuna, eu não consegui fazer levantamento se todos sabiam ler. Porque tem essa questão, tem pai que não sabe ler, né? Mas eu explicava, olha, para um momento, ler, e eu volto a dizer ler, não é só ler as palavras, a gente lê as imagens, a gente lê o que está ao nosso redor, então eu tentava levar pra eles. E aí eu entregava o caderno de questões, que era algo que precisava fazer, e eu dava os livrinhos selecionados, eram livros pequenos. Hoje eu tenho o entendimento da importância dessa seleção, mas lá no início, eu fazia a seleção ainda sem um entendimento mais crítico, mais pedagógico, mais direcionado, mas eu fazia. E foi o que eu fiz, eu entreguei o caderno e entreguei o livro. Depois, quando iniciaram as aulas presenciais, eu lembro muito que nós fomos fazer uma reunião para se apresentar, tá voltando às aulas presenciais, né? E eu lembro que eu mudei de turma, a minha turma era do primeiro ano e eles passaram para o segundo. E os pais fizeram briga para que eu ficasse no segundo ano, só que eu queria continuar no primeiro ano, porque eu queria ter a experiência presencial do primeiro ano, no primeiro ciclo de alfabetização. E eu fiquei assim, eu falei, cara, acho que essa pequena tentativa de contato com as famílias deu certo e foi muito importante. E ali eu tive a estalada de que eu falei, antes de qualquer coisa, eu preciso fazer as famílias para a escola. Eu preciso que eles percebam o percurso de formação dos filhos deles, como eles estão se desenvolvendo. E foi aí que começou a minha trajetória de entender que as famílias têm



que tá lá. Bruna, como é que tu faz isso? Eu uso a reunião pedagógica, a reunião com os pais, é a minha primeira estratégia. Eu preciso estruturar bem essa reunião, eu preciso saber o que eu tenho que levar, é o meu primeiro diálogo com esses pais, então a gente tem que conhecer e entender a seriedade disso. E lá eu dialogo com eles. Eu me apresento, eu falo da minha formação, eu falo do que eu acredito sobre a educação, eu falo sobre a minha prática, o que eu defendo. Eu pergunto a eles o que eles entendem, o que eles querem para os filhos deles, então é um momento de diálogo, a oralidade ali, construindo relações para a minha ponte essencial, sabe? E eu sou muito feliz em falar e afirmar, Juliana, que todas as escolas que eu passei até hoje é incrível, todos os pais são participantes, ainda aqueles mais difíceis, assim, eu acabei de sair da educação infantil, eu trabalhava com a Camila de Jesus, ela é coordenadora na escola anterior e ela via o quanto eu enxergava como algo importante, nossa, essas famílias têm que vir para a escola, as famílias têm que participar, a gente tem que perceber. E a gente viu o resultado no final do ano, que eram pais que defendiam brincar, então a gente sente muito orgulho de falar isso, pais que entendiam que na educação infantil não é para alfabetizar é o momento do brincar, é o momento da aprendizagem, das experiências, é outra história. E aí hoje na alfabetização, os pais entendem que o percurso da escrita e da leitura da criança ela não é de qualquer jeito, ela não é forçada, mas ela é por estímulos, por incentivo e por acompanhamento, então a criança ela vai desenvolver sim, ela tem suas fases de desenvolvimento, mas ela só vai se desenvolver se eles e eu estivermos juntos. Então é algo que impacta, é uma frase simples, eu falo para eles, podem ter certeza que a minha parte eu vou fazer e não vai ter dia ruim para isso, mas se vocês não fizerem, a parte de vocês vão ter lacunas, isso vai impactar diretamente no processo de alfabetização da filha de vocês na formação deles educacional. Então eu peço apoio, eu sou chata mesmo, eu apelo, eu converso. Então as estratégias que eu uso não são estratégias, é diálogo, eu entendo que o diálogo ele move, o diálogo sincero, o diálogo respeitoso, o diálogo intencional que a gente precisa, é o que eu faço e tem dado certo. Agora eu entrei numa situação assim de transição de professores, poderia ter muita coisa dar errado dentro desse contexto, mas os pais estão comigo, então eu defendo isso, eu defendo o diálogo sincero, eu defendo que os professores têm que dialogar com os pais, não tem isso, mas ele é brabo, mas ele vira as costas, e quantas vezes viraram as costas para mim, mas assim, eu cutuquei, não, a sua parte, é isso, isso



aqui é seu, isso aqui é meu. Aqui eu consigo, vou dialogar com seu filho, vou falar sobre bullying, vou ensinar ele, eu tenho postura respeitosa para as pessoas, eles estão olhando a minha postura respeitosa para as pessoas quem ensina, mas em casa você também tem que reforçar isso. Você tem que ter uma postura respeitosa, você tem que dialogar com seu filho. Enfim, é esse ponto, sabe que para mim é crucial, e eu venho de contextos assim, de escolas boas e de escolas mais ou menos, e de escolas que não tem nada, mas ali tinha a seriedade na prática, sabe? Nos diálogos, e para mim então, a educação precisa ser movida por diálogo, o tempo todo, é o que eu defendo e é o que eu tenho feito, sabe? Eu não sei se eu contemplei a pergunta.

J: O uso de tecnologias é um recurso importante para incentivar a leitura, a oralidade e escrita, e por que? Como que você usa elas? [32m40s]

B: A tecnologia, ela é o meio necessário, eu não sei se ela é importante ali, eu não sei se eu consigo afirmar isso, mas ela é um meio necessário que sim, eu já usei e utilizo sempre que necessário, que demanda. Por exemplo, quando eu falo sobre o acesso a outros livros, a gente sabe que livros bons são livros caros, isso é fato, né? Eu uso a tecnologia para fazer pesquisa sobre outros livros, quando eu não consigo comprar, mas eu quero levar para a sala de aula, então a tecnologia, ela está nisso. Em sala de aula, eu levo os vídeos, eu levo filmes, eu tento usar dessas formas também para engajá-los com algo novo, e não tem para a gente fugir em relação a tecnologia, as crianças estão tendo acesso cada vez mais cedo, então a escola acaba também cumprindo esse papel de mostrar para eles como utilizar a tecnologia. O meu diálogo assim com os pais é tão sincero que as crianças também são, a gente conversa mesmo de forma aberta, direcionando, conversando com eles, mostrando olha, você usa o celular da mamãe, do papai, isso aqui dá para fazer, você não quer aprender sobre esse livro, eu mando link dos livrinhos que tem audiobook, mando para eles ouvir em casa, porque não tem o acesso ao livro em casa, então de alguma forma tem. E aí eu trabalho criança e eu trabalho pai, pai e mãe. A tecnologia está nesse momento para mim, está no momento das necessidades, e também no momento em dizer, eu não tenho como fechar os meus olhos para isso, eu preciso trazer a tecnologia para sala de aula, os alunos estão tendo acesso cada vez mais rápido, muitas coisas, como usá-la, para mim entra muito nisso, como usar, o que usar. Quando eles crescerem, eles vão usar do jeito que eles quiserem,



Mas é o nosso papel nesse processo que eles estão de desenvolvimento, de personalidade, de caráter, de tudo, mostrar pra eles que existem caminhos bons que vão ajudar eles ali na parte educacional. E aí eu uso com filmes, eu uso com vídeos, vídeos cursos, vídeos adequados, eu faço óbvio, eu assisto tudo antes, eu planejo tudo antes e eu levo para a sala de aula. Então, não sei se ela seria importante, hoje eu não sei te dizer se ela é importante, mas ela é necessária. Eu pensei que ela é necessária pro professor, pros seus planejamentos, dentro da nossa realidade de precariedade no acesso ao livro, mas também pelas questões que a gente está no mundo tecnológico. Não tem como fugir disso nessa realidade.

J: Como é a organização da sua sala para promover leitura, oralidade e escrita?
[35m53s]

B: É, eu tenho só um ponto que eu não falei, porque eu lembro... Eu tentei ali, um ponto que para mim é importante. Eu enxergo a sala de aula como um espaço que tem vida e muitas vidas ali. Então, o que que eu tenho aprendido e entendido? Eu enxergo que quando o meu aluno entra em sala de aula, ele tem que se enxergar na sala. Para mim é um ponto importante. E o que significa dizer isso? As práticas de leitura elas são construídas com eles e as práticas de escrita também. Ou seja, quando a gente lê algo, quando a gente assiste algo, eu tento levar algumas propostas de atividades com que eles construam as narrativas e a gente cola na parede. Então, a gente tem o varal de leitura. A gente tem, sim, um alfabeto, o que é importante, a gente tem os números, mas as atividades coletivas e individuais deles ficam em varalzinhos. Então, quando eles entram, eles enxergam esse material. Para mim, é algo intencional e é uma proposta que é muito válida, porque eles adoram, eles adoram olhar que eles constroem conhecimento, eles adoram olhar que eles aprenderam muita coisa durante a aula. Imagina, chegando no final da aula, a parede tem lá o que eles fizeram durante o dia. Então, para mim, acho que é algo que eu percebi. Eu falei isso aqui em todas as salas de aulas que eu já passei faz diferença. Claro que faz. Porque eles são sujeitos desse momento, são sujeitos do direito, são sujeitos que são pensantes. Então, quando a gente pensa tudo, e é tudo minucioso para o professor, né? Quando eu entendo que o meu aluno é um ser pensante. Ele é um ser que constrói conhecimento, não sou eu que estou construindo, eu levo ali eu medeio, eu construo o planejamento ali, mas é ele que vai



construindo, eu só vou mediando, ajustando. E a parede fala muito, eu digo que a parede da minha sala é uma parede viva, é cheia de vida, cheia de história, quem entra consegue saber o que eles fizeram. Mas, para mim, o mais importante é que eles entram, eles saibam o que eles fizeram, prática de escrita, prática de leitura, eles começam a dialogar entre eles. Então, promovem interação entre eles também, que eles adoram olhar o que foi você que fez esse daqui, por que tu pintou de azul? Por que tu não pintou disso? Eles começam a dialogar sobre isso. E, para mim, eu acho que é o fundamental, sabe? É pensar a escola como uma escola viva. Uma escola que tem vidas que constroem conhecimento, mas não é o professor, o diretor, os próprios alunos constroem isso.

J: E que dica você daria para esses outros professores? Sobre essa organização de sala?
[38m37s]

B: A gente precisa planejar, eu acho que planejamento ele é fundamental, eu sei que quando eu pego no meu planejamento, algumas coisas saem muito do meu controle. Eu acho que planejar, mas também... Juliana, eu acho que é enxergar a criança. Eu acho que falta enxergar a criança. A gente fala tanto e é tão batido. Em tudo o que a gente fala que a criança é um sujeito de direito, tá, mas qual é o direito? É conseguir enxergar que a criança é um ser pensante, eu não vou pensar por ela. Então, por exemplo, eu estou no segundo ano. Eu já fazia isso na educação infantil de perguntar o que eles... Vocês já viram isso? Os pequeninos, eles pensam também, eles conhecem. Então, no segundo ano, o que eu sempre faço? Foi um dos que mais me marcaram. Quando a gente foi trabalhar sobre seres vivos e seres não vivos, eu só coloquei o título e eu perguntei para eles que vocês entendem por seres vivos, o que é isso? Eu comecei a anotar o que eles falavam e no final, fui ler o que eles falaram. Olha, a Barbara falou isso. Felipe falou isso. O que vocês pensam mais sobre isso? Tem mais alguma coisa? Vocês já viram algum? E depois a gente desce e vai lá para a escola. Bora ver se tem seres vivos aqui? E eles... “eu sou” Então, eles começam a pensar sobre isso. Porque eles são seres pensantes. Eu não vou levar o conceito de seres vivos é isso. Não é dessa forma. Eu tenho aprendido, eu sei que a gente aprende todos os dias. Mas a gente enxergar a criança como um ser pensante, como um sujeito de direito, como construtor de conhecimentos, ele constrói conhecimentos. A gente tem que ter isso em mente no



momento em que a gente vai planejar, no momento em que a gente vai pensar em uma proposta. O que eu tenho ouvido muito dos professores é isso, “É muito conteúdo para dar conta. É muito isso, é muito aquilo.” Mas você não tem que dar conta sozinho, os seus alunos também sabem, sabe? Tornar isso mais leve, é importante. Eu acho que seria isso.

J: E você tem participado de formação continuada, como cursos, grupos, projetos, voltados para esse tema, e qual foi o seu maior ganho com essa formação? [40m43s]

B: Atualmente eu sou formadora municipal do Alfabetiza Pará, do Programa, por isso eu não adiantei tanto. Eu sou desde o ano passado, formadora, começou com o primeiro, segundo ano, e gestores, diretores e coordenadores. Atualmente, está primeiro, segundo ano, diretores e coordenadores, e terceiro ao quinto ano, que é o de recomposição que eles falam. Eu estou especificamente com o primeiro e segundo ano. Sou formadora, então eu sou formada para passar, para repassar as formações e fazer acompanhamento com os professores de primeiro e segundo ano do município de Maracanã também. E assim, eu não estou formando, eu estou me formando também, porque nesse momento é um momento de troca, é um momento que a gente aprende, é um momento que a gente ouve muito, então eu consigo perceber que os meus desafios, eles não são diferentes dos desafios dos outros professores, mas eu percebo que acompanhar as mudanças que a educação vem passando para eles é o maior desafio, para a gente também é, mas eu percebo que a fragilidade na educação, por essas questões de qualquer pessoa pode dar aula, o que acontece, muito principalmente nos interiores, fragiliza mais esse processo de entendimento, sabe? Não sei se vocês conseguem me entender. E aí eu tento ali, de muitas formas, de tudo que eu já aprendi, trocar a experiência com eles, falar o que eu tenho feito, o que tem dado certo, o que, de repente, na minha não deu certo, mas pode dar na deles, porque existe, mas também consegui fazer com que eles e eu, me fortaleça dentro desse acreditar, de enxergar as mudanças, e também entendendo isso como uma mudança para a minha prática também. Antigamente nós tínhamos cartilha para alfabetização, hoje a gente sabe que as cartilhas, e aí a gente tem dados, a gente leva os dados para eles, a gente discute sobre esses dados, que as cartilhas, elas não dão conta da dimensão que é alfabetização, então é nesse foco. Atualmente é a formação que no município tem, por isso que eu falo da fragilidade de formação continuada, porque se



não fosse o programa ia ter o que, por que eu me pergunto, sabe? Ali é a minha válvula de, é a minha ferramenta de luta, porque ao mesmo tempo que eu estou em sala de aula, eu estou na minha luta de defender o que eu acredito, de acompanhar, de comprovar, de mostrar, de falar, de ser chata, que eu sou, mas eu vou com eles também, eu tenho que impressioná-los, engajar os professores, a gente fala tanto professor tem que fazer isso, tem que ir isso, tem que ir isso, e o que ele já tem feito? quem escuta os professores? quem acolhe? quem apoia? então eu penso que esse momento de formação, aí eu estou falando como formadora, esse momento de escuta, o momento de aconselhamento, de orientação, de troca e de engajamento para os professores dentro do nosso contexto de desvalorização. A gente passa por esse processo ainda, a gente ainda não é valorizada, a gente não é respeitado e eu acho que isso fica muito claro quando qualquer pessoa pode dar aula, para mim isso já é um desrespeito muito grande, aí tem a desvalorização financeira, a falta dos acessos, o professor tem tanta formação aí na internet porque ele não faz. Será que é assim mesmo? Será que cadê o tempo para isso? Então, a garantia dos direitos a gente ainda tem lutado muito, mas eu como professora, por acreditar tanto eu digo, eu continuo nessa profissão que eu acredito muito. Eu tento fazer isso com eles, de mostrar que é possível, ah, eu não tenho recurso, vamos lutar, a gente vai fazer dessa forma, tem esse daqui, hoje a gente consegue fazer contação de história, não precisa da luva mais bonita, a gente faz com uma meia, a gente faz com uma colher, a gente tem aprendido a resistir no chão da sala de aula e mostrado que por meio da educação, sim, a gente consegue muitas coisas.

J: O que você consideraria ser o maior ganho, essa troca de experiência ou essa forma de resistência, de resistir? [45m02s]

B: O meu maior ganho como formadora tem sido me fortalecendo aquilo que eu acredito. Eu tenho lido, eu tenho refletido, a cada aula eu reflito sobre o que aconteceu, o que que eu posso melhorar. Tá, isso é eu refletindo sobre a minha prática, quando eu vou para passar a formação e eu troco a experiência com esses professores, eu fortaleço aquilo que eu acredito. Se eu percebo que tem um professor que ele não é engajado na leitura, ele não consegue entender a importância da leitura e eu como professora vejo a importância da leitura, eu fortaleço aquilo que eu acredito, eu digo, não, eu preciso



mudar isso aqui, a gente vai refletir sobre isso, eu levo com eles, eu converso, a gente faz um momento de experimento mesmo, oficina de leitura dentro da formação e aí eu

digo uma coisa que o ganho para mim é poder mostrar na prática aquilo que eu acredito, sabe, então óbvio, dinheiro é muito importante, muito, muito, muito importante, mas esse momento com eles me fortalece, sabe, né, eu saio muito feliz depois de uma formação, quando um professor manda foto, olha, eu fiz a maleta da leitura, o que eu tinha, eu tentei fazer, égua, é maravilhoso, porque de uma sala que não tinha a prática de leitura, porque o que eu percebi, que a maioria dos professores entendem como prática de leitura, o livro didático, o livro traz um texto e às vezes é o único recurso que o professor tem e existe essa realidade, a gente sabe, mas às vezes não, às vezes a escola tem um livro e ele é um livro só para enfeitar prateleira, então são, são realidades, né, mas o meu ganho é esse, o fortalecimento daquilo que acredito, o fortalecimento da minha prática, eu volto para a sala de aula aprendendo muito com eles, também querendo colocar em prática muitas coisas, e é isso, eu acho que para mim é isso, fortalecimento da minha prática, fortalecimento daquilo que acredito, fortalecimento do porquê que eu sou professora, porquê que eu estou ainda neste lugar e porquê que entre os altos e baixos é a montanha russa do que é ser professor, eu não desisto, eu acho que me fortalece.

J: Essa formação ela dura quanto tempo? Um dia, uma semana? [47m25s]

B: Olha, são, são quatro, são oito encontros durante o ano, a gente já fez do primeiro semestre e aí agora a gente vai fazer do segundo semestre, né, planejando, são oito encontros, são quatro módulos e cada módulo são dois encontros, e são, são, são encontros muito potentes, sabe, porque a gente trabalha sobre a importância da oralidade, o que é a leitura, quais são os estágios da leitura, porque a gente sabe, tem que engajar o aluno, tem que desenvolver a postura de leitura, tem que apresentar, tem, mas também tem que acompanhar a leitura fluente dele, né, então tudo isso, o programa ele promove, e eu enquanto formadora tento levar o máximo tudo que eu posso levar durante esses encontros, pro segundo semestre vai ser foco em leitura, as fases da leitura, quais são as rotas de leitura que na alfabetização a gente tem, e aí eu já tô aqui ansiosa pra dialogar com eles sobre isso, sabe, mas é assim, são oito encontros.



J: Entendi, é, esses professores que eles participam, eles são obrigados a participarem ou eles se inscrevem? [48m36s]

B: Eles não são obrigados, mas são obrigados. Por quê? Porque o programa atualmente ele tá com o terceiro quinto, o primeiro, o segundo ano, o programa precisa existir nas escolas, se já foi assinado, documentado que o programa ele vai fazer se fazer presente no município, as escolas têm que aderir também, não só o município, as escolas. E o programa só vai acontecer se os professores participarem. É automático. Quando... Eu não sei como é o procedimento, porque tem articuladora, né, que faz isso. Mas ela cadastra as escolas que estão aptas. Porque tem escolas que têm poucos alunos, tem escolas que não têm turma de primeiro e segundo ano. Essas não participam, então fazem o levantamento e aquelas escolas que estão aptas a participar são cadastradas automáticas. E aí, eles são convidados a participar. Óbvio que há um momento também de motivação e engajamento por que, Juliana? Porque se por muito tempo não existiu formação continuada, o professor não entende a importância da formação continuada. Sim. Ah, eu tenho que dar conta do trabalho tal, eu tenho que dar conta de não sei o que, então eu não vou parar a minha vida para ir para uma formação continuada. Então, o quê que eu sempre falo? No primeiro encontro com eles, eu agradeço por estarem, e eu falo pra eles que esse momento que vocês estão vivendo é uma garantia de um direito. Então, aqui não tem político, não tem isso, não tem problema de politizar. Não é isso, é garantia de um direito seu. Então, você que escolheu estar aqui, você vai ter a garantia do seu direito a uma formação. A refletir sobre a sua prática. A seguir no caminho, ou a mudar a rota, vai depender. Isso é individual, isso é de você. Então, se você está aqui, é porque você tem comprometimento com a sua prática, não é? Sim. E aí é difícil, dentro de muitas questões, mas os professores vão, pelo menos no município eles são bem engajados, não tem tempo ruim para eles. E ali, na nossa realidade de Maracanã, é muito complexo, porque muitas, muitas escolas são lá da zona praiana, da zona rural, e as formações acontecem dentro do sede, da cidade. Então, eles se deslocam. A gente já vai mudar para o segundo semestre, a gente está tentando ver a possibilidade de fazer polos para a gente ir até eles, né? Porque para mim é uma garantia de direito, mas com que qualidade. Eu tenho batido muito nessa tecla, junto com as outras formadoras. Então, a gente tem que ir à campo, a gente tem que ir até eles, não só eles vinham até a gente. Mas enfim, a gente vai estruturando, vai vendo onde está certo, onde está errado, de que forma esse direito está sendo garantido, e a



gente vai tentando pensar de outras formas. Mas a questão é, a formação tem a reflexão sobre a importância da leitura, da escrita, da oralidade, da nossa prática, ela está acontecendo, e a gente tem passado por essas mudanças que são importantes, são importantes demais.

J: Ele é estadual, municipal? [51m50s]

B: Ele é, como é que fala? Eu esqueci a expressão que eles usam. Ele é uma rede de colaboração entre o Estado e o município.

J: Quais os principais desafios enfrentados pelos professores da educação básica em articular a leitura, oralidade e a escrita no processo de ensino e aprendizagem dos estudantes da educação básica? [52m06s]

B: Eu acho, eu acho não, eu tenho enxergado, tanto como professora, meus desafios quanto formadora, gestão de tempo, gestão do tempo é importante, porque você tem sim um conteúdo para tu dar conta, você tem que dar conta disso, você tem que articular isso com a leitura em sala de aula, ou seja, não vou levar, a não ser que seja a leitura da De Leite, fundamental em sala, mas uma leitura que precisa estar ali alinhada às práticas, às propostas que foram para a sala de aula. Acho que a gestão de tempo é um desafio grande para o professor. Outro desafio, eu acredito que entender a importância da leitura para além de conteúdo. Eu acho que eu sou uma das doidas que... rebelde, eu acho, que entende a importância da leitura no processo de alfabetização para além do conteúdo, sabe? Fazer a criança viajar, é desenvolver sim imaginário dela, isso não é só de educação infantil, então eu defendo muito isso dentro do ensino fundamental, não é só de educação infantil, a roda de leitura não é só na educação infantil. E acredito que se quiser, ainda é um impasse para o professor entender que esse momento de leitura, de roda, de sentar no chão, de pegar e selecionar o livro, é uma realidade ainda distante para muitas salas de aula. E consequentemente, uma realidade distante para um aluno, como é que engaja ele para a escrita? Como é que a criança vai escrever sem ela ter esse engajamento? Como é que ela vai refletir sobre a escrita lá sobre o furacão? Não houve uma leitura, um diálogo, uma conversa, um novo desenvolvimento do pensar dela sobre



isso. Aí ela vai para o Enem, vai ter que escrever sobre muitas coisas e o repertório dela ali não foi construído desde a base. Então eu penso que é esse desafio do professor entender a importância da leitura, a leitura, o mesmo momento de leitura, a gestão do tempo, para mim é um desafio grande, a gestão do tempo dentro da escola que eu estou, para mim é quando eu vejo já a hora do intervalo e ainda estou aqui conversando com eles sobre a leitura e eu tenho conteúdo do dia para dar conta. Então para mim é esse um dos desafios. Escola sem biblioteca, escola sem vida. Escola sem biblioteca é uma realidade triste que existe. Na minha escola não tem biblioteca, mas tem livros. Então penso que falta uma organização disso, mas é uma escola sem biblioteca. Sem acesso ao livro. Primeira coisa, acesso ao livro. As tecnologias estão para ajudar, mas nada substituir a criança a foliar o livro com qualidade, o livro com bastantes imagens, um livro que fale sobre ele. Eu lembro quando eu levei o livro Curumin do Thiago. Eu falei, inclusive, no seminário de leitura, eu falei sobre esse livro, do Conexões. Porque quando os alunos se depararam com a realidade do Curumim, um indígena que ia praia, que subia na árvore para pegar manga, que pescava, que tomava banho de rio, eles começaram... Eu também gosto, eu vou com o meu pai, eu gosto de pescar com o meu pai. Cara, isso é muito rico, sabe? Isso move muito, muito mesmo. Isso engaja muito eles e é sobre eles. Então esse processo a gente não pode estar dissociado, não pode estar isolado desse contexto. Então eu penso que esse é o desafio do professor de conseguir articular, perceber e planejar a prática de leitura, de escrita, de forma contextualidade, de forma real, levar um pedaço de texto, isso não é leitura, isso não é repertório, isso é vazio. Mas se eu penso a leitura, com a oralidade, com o processo de escrita, tudo junto, flui. Primeiro eu vou ler com o meu aluno, depois eu vou dialogar... Ou então eu dialogo com o meu aluno, porque eu acho que a oralidade ela vem no início. A gente dialoga com o aluno, faz uma leitura prévia da capa e aí a gente vai ler com eles, olha, estão engajados, querem saber o que vai acontecer nessa história. Depois eles vão trazer mais a oralidade, que vão associar com a vida deles, ou não, de repente, com o do amigo, do pai, sei lá, da família. E depois a gente vai praticar escrita, rico, simples, simples entre aspas. Tem o desafio mesmo de compreender isso. Eu demorei para compreender isso com qualidade, eu já sabia, mas para compreender hoje com qualidade, eu levei o tempo e todo o professor leva esse tempo. Todo professor tem



seus desafios. Eles precisam ser assistidos, eu acho que a gente precisa de formação continuada.

J: Como a formação docente poderia contribuir melhor desde a graduação para essa articulação entre a oralidade escrita e literatura? Como a formação docente poderia contribuir? Então, durante a faculdade, o que você acha que poderia ser incluído para que os professores conseguissem fazer essa articulação melhor? [57m19s]

B: Eu senti, Juliana, que os estágios não dão conta. Eu acho que os estágios obrigatórios a graduação eles precisam ser melhor direcionados, melhor estruturados. Eles precisam trazer uma reflexão mais viva para a sala também do graduando, de quem está se formando. Porque a gente fala que a educação está mudando, que está passando por várias reformas, e que tem muita luta, e que tem isso, mas na minha época, eu não me sentia... Existe tantas coisas no meio de tudo isso, mas hoje, como professora, eu não sentia que essa prática era discutida com qualidade em sala de aula, em sala de graduação, sabe? Óbvio que são desafios e desafios, não tem como levar tudo, mas quais são os principais desafios? O que a gente vai enfrentar? Eu acho que está muito teórico. A mesma coisa na formação continuada do Alfabetiza Pará tem muita teoria. Meu desafio é, porque se eu entendo que a formação precisa discutir a prática, meu desafio é levar a teoria, porque é importante demais para a gente, mas discutir a prática, eles querem ser ouvidos, tem algum aluno, eu não sei como é que está o currículo da pedagogia agora, porque eu não acompanhei mais, mas de repente, um aluno que já está no estágio, essa prática dele, ser levada para a sala de aula, de repente eu acho que seria bem mais potente, seria bem mais rico pensar quais são os seus desafios, uma disciplina para isso, de repente, ou no estágio obrigatório, essa discussão, quais são os desafios que você consegue perceber que o professor titular tem durante? Qual é o seu olhar de observação? Eu não senti que o meu olhar, enquanto graduando, ele foi desenvolvido com mais criticidades para a prática, sabe? Eu estou desenvolvendo agora na minha prática, e aí entra o meu desafio, quando eu recebo na minha sala de aula estagiário, que vem estagiário, não, os estágios obrigatórios, quem vem na graduação, eu dialogo muito com eles, a gente tem uma troca, eles observam, eles perguntam, porque eu sentia falta disso, sabe? Eu acho que é um dos maiores, acho que seria um dos maiores desafios, acho que seria uma possibilidade para a alfabetização, a gente tem defendido isso, para



mim, deveria existir uma graduação, só para a alfabetização, porque é um desafio tão grande, e a pedagogia não dá conta. Não dá, e eu não fui ensinada a alfabetizar na graduação, nada, nada, para tentar aprender do zero, assim, na minha prática.

J: E que conselho você deixa para os professores, que já estão trabalhando, e para os que têm interesse em entrar na docência? [01h00m43s]

B: Um conselho, defenda aquilo que você tem, eu acho que defender aquilo que você tem construído, por meio dos seus estudos, das suas repetições, das suas práticas, fazer aquilo que você entende sobre o mundo, é importante. Eu digo que o chão da escola, ele é o tempo todo com tensões, um chão político. Eu tenho os meus ideais, o outro tenho as ideais, mas defenda com respeito. Eu acho que a gente tem que sair da nossa formação, enxergando realmente, se eu for para a escola pública, se for para a educação básica, enxergando as crianças como um sujeito importante, realmente, sabe? Planeja, é importante planejar. Mas eu faço diariamente, Juliana, reflexão sobre a minha prática. Eu acho que é o que me ajuda muito, sabe? O que eu acertei? Por que que eu errei? Por que que deu errado ali? Acho que fazer reflexões são importantes, quais são as minhas limitações? Acho que a gente tem que... tem que sempre pesar, sabe? Então, acho que eu diria aos professores, é que acreditem neles, acreditem quem é importante, o tempo todo está refletindo, mas não é jogar a minha prática no lixo, que eu posso aprimorar. Eu posso perceber os caminhos e ver qual é o melhor. Eu posso me segurar nos meus alunos. Eu tenho percebido que isso vindo da educação infantil, que a afetividade está ali, né, na educação infantil. Parece que quando chega no ensino fundamental há um rompimento dessa relação, porque no conteúdo que eu tenho que dar conta, tem matemática, tem ciência, tem história, eu tenho isso aqui, lá no nosso município, tem identidade maracanaense, e não sei, é muita coisa pra dar conta, é um calendário muito cheio, nós temos as nossas problemáticas, sabe, mas o meu foco é o meu, eu sou responsável pela minha sala, e na minha sala tem muitos universos, tem muitas vidas ali, e eu vou focar neles, o que que eles precisam, tem gente aqui me cobrando conteúdo, mas se não o aluno não aprendeu esse conteúdo aqui, eu não tenho como avançar, então eu vou defender, e eu vou dizer, ele vai aprender com qualidade, e depois eu fico pulo. E a prática de leitura, eu senti falta muito no meu processo formativo, sabe, da leitura, eu acho que eu defendo muito hoje por perceber o quanto faz diferença



na nossa vida, o quanto é primordial, assim, pra tudo, então hoje, como professora eu defendo, eu levo, eu sou muito séria no meu trabalho, mas sou muito afetuosa com meus alunos, a gente tem uma relação de amizade por onde, todas as turmas que eu passo, porque eu acredito que essa troca e essa relação que faz a diferença, então eu digo, não desista, não, porque daqui a ontem eu estava assistindo o jornal e saí uma pesquisa, que os jovens não querem mais ser professores, está diminuindo, e a gente sabe por que, né, mas quem já está na luta, eu desejo muito que continue na luta com a gente, que acredite, mas eu sei que não é fácil, eu tenho muito medo do por vim, sabe, do futuro, mas enquanto eu estou aqui no presente, eu estou tentando fazer aquilo que eu acredito, dentro daquilo que eu escolhi, que é ser professora.

J: Bruna, essas foram as nossas perguntas, você quer falar mais alguma coisa? Não...

B: Não, eu agradeço a oportunidade, eu estava falando para Camila, que conexão de saberes, ele entrou na minha vida lá quando eu era graduanda, por meio de convite dela, do Jesus, Jesus não lembra o que está muito tempo, mas eu participei de cursos de contação de história, e eu tentei ali me envolver em muitas coisas, e conexões entrara ali na minha vida, e para mim é muito fantástico voltar para a universidade, agora em outro contexto, eu sou professora, meu Deus, eu sou professora, e aí cai a ficha quando eu sou convidada para o seminário, círculo de leitura agora, quando eu sou convidada para falar um pouquinho do que eu já tenho percorrido, muito, já vou fazer seis anos como docente da escola pública, e até aqui aprendi algumas coisas, deixei algumas de lado, mudei rotas, fortaleci outras, tenho fortalecido na verdade, mas esses momentos para mim são muito ricos, e os conexões eu me paixão um pouquinho cada vez mais que eu vou conhecendo sobre ele, porque ele traz a educação, a escola para dentro da universidade, para mim é fantástico, e a gente precisa muito desse movimento, a universidade dentro das escolas, a gente precisa desse diálogo, a gente precisa desse fortalecimento, e os conexões com defendendo a leitura, da forma que defende, a gente percebe os relatos, e eu ouço muito a Camilla falando, e eu fico sempre muito emocionada, e eu digo, continuo, eu sou muito feliz por isso, eu sou muito grata pelas oportunidades, e grata por também contribuir com o conexão de saberes, muito obrigada.



J: A gente que agradece, a gente agradece a sua participação, o seu tempo por ficar aqui, e vou encerrar nossa entrevista.